

# Jornada Internacional de Estudos

## *Antropologia, fronteiras, tempo e outros limiares*

21 de fevereiro de 2024 Lisboa, FCSH-NOVA, Av. De Berna, 26 C, sala 209 Torre A



Seminario Universitario  
de Estudios sobre el  
Tiempo Social



GRUPO DE INVESTIGACION  
**ESPACIO Y PODER**



INSTITUTO  
DE HISTÓRIA  
CONTEMPORÂNEA



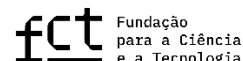
PATRIMÓNIO | ARTE | SUSTENTABILIDADE | TERRITÓRIO



NOVA FCSH  
NÚCLEO DE ESTUDOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



UNIVERSIDADE  
DE ÉVORA



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

O IHC é financiado por fundos nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 e LA/P/0132/2020.

# Programa

## 10-12horas

**10h10 Eduarda Rovisco**, CRIA-ISCTE-IUL *Uma fronteira no centro. O ano de 2004 na raia central luso-espanhola e os imperfeitos pretéritos futuros*

Pretende-se revisitar uma etnografia realizada entre 2003 e 2005 na raia central luso-espanhola, no âmbito de um projecto de doutoramento – ‘Não Queirais ser Castelhana’. Fronteira e Contrabando na Raia da Beira Baixa - e elencar um conjunto de questões a analisar num projeto de investigação futuro.

**10h30 Fátima Amante** ISCSP-Universidade de Lisboa *‘As espanholas não saíam de lá...’: a experiência das mulheres portuguesas e espanholas na raia*

Proponho abordar como nas narrativas sobre o contrabando, a emigração e o quotidiano na raia durante as ditaduras ibéricas, a experiência das mulheres portuguesas e espanholas surge, diferenciada. Daí parto para uma reflexão sobre como essa diferença sustenta perceções sobre identidade, pobreza e autonomia na raia do Sabugal e da comarca de Ciudad Rodrigo.

**10h50 Dulce Simões**, INET-FCSH-NOVA *“Atrás dos tempos vêm tempos, e outros tempos hão-de vir”*

A partir de uma etnografia intensiva e extensiva realizada nas últimas décadas na fronteira hispano-portuguesa do Baixo Alentejo, Extremadura e Andaluzia, sobre os usos políticos da memória, questiono os processos de patrimonialização e re-significação da fronteira, como “produto turístico” e marcador de uma identidade cultural raiana.

**11h10 Luís Cunha**, CRIA - Universidade do Minho: *Velhas e novas fronteiras: espaço vivido em territórios imaginados*

Olhando as fronteiras políticas na sua historicidade, pretende-se discutir a relação entre a imaginação que as projeta de cima para baixo – ou seja, a construção estatal que se impõe a quem habita na raia – com as práticas sociais que a fronteira permite e fomenta.

**11h30 Ema Pires**, Universidade Federal de Goiás e IHC.UÉ/In2Past) *Sobre limiares e umbrais: antropologias, cozinhas e salas de aula.*

Nesta comunicação, usam-se as categorias ‘fronteira’ e ‘limiar’ como metáforas para discutir relações entre limiares e espaços sociais contemporâneos. Como exemplos empíricos, discutem-se usos do espaço em dois contextos etnográficos: uma cozinha localizada na Malásia Peninsular e salas de aula numa universidade brasileira.

## 11h50 Debate

## 12h30 Almoço

**14h Cristina Santinho**, CRIA-ISCTE-IUL *Fronteiras do conhecimento, fronteiras da inclusão: menores refugiados e as barreiras à aprendizagem nas escolas portuguesas*

Os refugiados "menores não acompanhados" (chegam sós e sem familiares que se responsabilizem por eles) são considerados um dos grupos mais vulneráveis, por terem sido expostos a todos os tipos de violência. A lei portuguesa determina a sua proteção até à maioridade, atribuindo-lhes uma instituição responsável pelo seu acolhimento, bem como acesso à saúde e à educação, sendo esta última uma das condições sine qua non para começarem o seu processo de integração no país. Porém, as fronteiras que existem entre a sua condição e a integração escolar são inúmeras, nomeadamente: ausência de documentos válidos; ausência de programas específicos de acolhimento, inexistência de programas de alfabetização. O elevadíssimo insucesso escolar torna-se uma fronteira quase intransponível à sua inclusão na sociedade. Pretendo, nesta comunicação, apresentar vias alternativas à resolução deste problema.

**14h20 Flávia Alves**, FFP-UERJ *Educação intercultural na raia entre Espanha e Portugal: a experiência do Projeto Escolas Bilingues e Interculturais de Fronteira (PEBIF)*.

A pesquisa aborda a temática da educação intercultural em algumas regiões da raia luso-espanhola a partir do Projeto Escolas Bilingues e Interculturais de Fronteira (PEBIF), desenvolvido no ano letivo de 2021. A apresentação destacará os eixos centrais do projeto, seus objetivos, bem como a análise das observações de campo, destacando os desenhos feitos pelas crianças que participaram do projeto na cidade fronteiriça de Valverde del Fresno (Espanha).

**14h40 José Lindomar Albuquerque** (UNIFESP) *Ponte nas ondas: património, comunicação e educação na região de fronteira galego-portuguesa*.

A pesquisa busca compreender os significados de fronteira e património que são mobilizados pelos participantes do projeto Ponte nas Ondas, reconhecido em 2022 pela Unesco como um exemplo de “Boas Práticas de Salvaguarda de Património Cultural e Imaterial”. A apresentação discutirá o processo de criação e transformações do projeto, as formas de comunicação e divulgação, com destaque para as experiências das rádios escolares.

**15h Fabienne Wateau**, CNRS-Univ. Paris-Nanterre, *O que a fronteira faz a antropologia: acerca de algumas fronteiras de água revisitadas*.

Trata-se de visitar algumas “fronteiras de água” peninsulares, e trabalhos de campos associados, ao longo das suas mudanças no tempo, e em termo de atividades e pertinência geográfica e política. Qual história das linhas que aproximam ou separam, qual história contada e/ou reivindicada? O que a fronteira faz a pesquisa antropológica?

**15h20 Debate**

**15h40 Intervalo para café**

**16h10 João Baía**, Investigador Associado IHC-FCSH-NOVA e Observatório da Emigração *Memórias periféricas sobre a fuga dos carrilanos de Requejo da perseguição falangista e sobre a solidariedade raiana*

Pela aldeia de Montesinho passaram alguns *carrilanos* acoitados que conseguiram fugir da chacina organizada e perpetrada pelos falangistas depois de uma parte ter tentado resistir sem sucesso ao avanço falangista. Uns passaram pela aldeia e outros estiveram escondidos em casas de algumas famílias. A memória desta fuga aos bombardeamentos, das batidas realizadas dos dois lados da fronteira e da solidariedade raiana, foi transmitida às gerações seguintes como lendas com uma moral pedagógica para que o terror franquista vivido nesta zona fronteiriça não se repita.

**16h30 Paula Godinho**, FCSH-NOVA e IHC: *De memória fraca a memória pública: fronteira, tempo e acontecimento*

Dezembro de 1946. Um imenso aparato de forças da GNR, provenientes do Porto, de Vila Real, da Régua e outros locais distantes, agentes da PIDE, da Guarda Fiscal, e soldados da secção de morteiros do Exército Português, cercou a pequena povoação de Cambedo da Raia. O alvo era um grupo de *maquis* galegos, refugiado na fronteira portuguesa. A memória pública do bombardeamento foi longamente sufocada e censurada pelas ditaduras ibéricas, e também pelas democracias. Nesta comunicação interroga-se o lugar da fronteira no tempo e no espaço e a luta pela inscrição do acontecimento.

**16h50 Xurxo Ayán Vila**, Instituto de História Contemporânea, Universidade NOVA de Lisboa *Uma Arqueologia das paisagens da resistência antifascista na Raia*

Nos últimos anos abri uma linha de trabalho em Arqueologia de Conflito que se centra no estudo de paisagens, memórias, materialidades e processos patrimoniais da resistência antifranquista nas regiões portuguesas próximas da fronteira no período abrangido entre 1936 e 1946. O processo foi acompanhado por uma reactivação material da fronteira por ambas as ditaduras ibéricas. Nesta comunicação abordarei uma síntese deste duplo fenómeno, apresentando quatro estudos de caso: 1. a análise arqueológica dos abrigos dos fugitivos na Serra do Leboreiro (Melgaço); as escavações realizadas em Cambedo da Raia

(Chaves), aldeia sitiada pela Guarda Civil, pelo exército português e pela GNR em Dezembro de 1946; 3. as prospecções realizadas na "Andorra" republicana, vasto território de Campo Maior onde estavam alojados centenas de fugitivos republicanos, reconquistado pelo Estado Novo em Novembro de 1944, e 4. o estudo dos campos de refugiados dos republicanos espanhóis em A Herdade da Coitadinha e As Russianas, activos em Barrancos em Agosto-Setembro de 1936.

**17h10 Sandra Fernández, UNED** *'Esto es lo mismo que en mi país'. Enactuar la memoria para trascender los límites nacionales. El caso del Museo do Aljube*

El Museo do Aljube presenta una exposición en tres plantas sobre el Estado Novo, desde el contexto de su emergencia hasta el 25 de Abril. La emoción - como práctica social - articula la visita de los cientos de personas que cada día, llegan allí y resultan parte de un proceso de afectación. Visitantes de todo el mundo concurren a ese proceso de afectar y ser afectado, por ejemplo a través de los libros de visita. Estos objetos suponen un nodo en el trazado de líneas de unión sobre cómo las personas ordenan una realidad a la que se enfrentan. Los recorridos, historias y experiencias se unen allí, trascendiendo los límites del tiempo, pero también las fronteras de los Estados en la enactuación de una memoria social.

**17h30 Debate**

**Organização: Paula Godinho, Ema Pires e Xurxo Ayán**

